Experiências formativas e de aprendizagem

agosto 2011

Nesse início do segundo semestre letivo de 2011, tive a oportunidade de participar de um evento sobre educação a distância e e-learning muito interessante, realizado aqui mesmo em São Paulo. O evento combinou casos de escolas e empresas e algumas demonstrações das mais recentes tecnologias em educação a distância disponíveis. Mas o que mais me chamou a atenção não foi tanto a tecnologia, como a ênfase que todos deram na utilização de boas metodologias de aprendizagem e relacionamento com os alunos. Foi consenso, entre os participantes, sobre a tecnologia ocupar hoje um lugar secundário em relação a uma boa metodologia de educação a distância — o projeto e as pessoas envolvidas tinham mais relevância do que a escolha tecnológica.

E um aspecto em particular dominou todo o encontro: a necessidade de se oferecer uma experiência diferenciada ao aluno, seja no ambiente presencial ou virtual. Esse é um ponto que temos destacado repetidamente na ESPM: a importância de dar aos alunos experiências formativas ou experiências de aprendizagem. Na verdade, não estamos inventando nada novo. As primeiras pesquisas sobre a experiência completa ser uma forma de aprendizagem mais eficiente e eficaz do que somente a participação em sala de aula são de, pelo menos, 60 anos atrás. De lá para cá, as pesquisas subsequentes comprovaram e reforçaram ainda mais essa constatação e o único ponto de dúvida restante é se a aprendizagem pela experiência apresenta taxas de retenção de longo prazo mais próximas de 70% ou 90%. Entretanto ninguém discute que, qualquer que seja o caso, a retenção será mais elevada do que a alcançada pela participação em sala somente — estando ela entre os 10% e 30%, dependendo do formato da aula.

Muito se comenta que o modelo de aprendizado para a geração Y tem de ser diferente, pois se trata de uma geração que cresceu já inserida no mundo digital, porém não é bem assim. A geração Y partilha essa mesma característica com as gerações anteriores: aprendem melhor pela experiência do que somente com a discussão em sala. Portanto, tal dificuldade não é recente, tampouco inédita. Essa questão parece recorrente ao longo do tempo.

E quais são as implicações dessas constatações na prática em sala de aula? Em primeiro lugar, que fique claro: a sala de aula tradicional continua a ser relevante, até mesmo porque os estágios seguintes no caminho do aprendizado só se tornam possíveis pelo fato de existir essa base. Ela só não é suficiente em si mesma.

Logo, o que devemos fazer é incrementar as nossas experiências formativas e de aprendizagem, permitindo, assim, que os alunos apliquem e experimentem conceitos. Essa maneira de engajar o aluno no seu próprio aprendizado, como está comprovada em pesquisas, aumenta o aprendizado de longo prazo entre três e sete vezes.

Tudo isso está totalmente alinhado com a visão contemporânea de que a relação de ensino-aprendizagem precisa estar centrada no estudante, devendo esse participar ativamente do processo e assumir a responsabilidade pelo seu desenvolvimento. Essa é uma visão válida em qualquer ambiente de aprendizado que seja utilizado, tanto o tradicional em sala de aula quanto os possibilitados pelas novas tecnologias de informação e aprendizado.

Concluo, então, mais uma vez: estimulando nosso corpo docente a promover atividades diferenciadas para a complementação da formação promovida em sala de aula, os resultados serão benéficos a toda a nossa comunidade.

Muito obrigado e até nosso próximo encontro.

Alexandre Gracioso
Diretor acadêmico
ESPM